

## IDEIAS PARA MUDAR O MUNDO

Ao longo dos meus 29 anos de existência, muitas foram às ideias para mudar o mundo que passaram por meus pensamentos. Ao me deparar com essa provocação cursando um Mestrado, imediatamente racionalizei para elaborar uma boa resposta. Racionalizei tanto que não escrevi.

Percebi que nem tudo precisa ser só racional para estar a contento. Então busquei a emoção, gritou a memória recente a fala do Krenak que afirma em seu documentário “Ailton Krenak e o sonho da pedra” de 2020, que sempre ouve suas memórias, então busquei na memória de criança o que tinha registrado como importante e lembrei de uma menina pequena na escola pública, desde cedo questionadora.

Certa vez, no encanto de conhecer novas palavras perguntei a professora se eu podia também criar palavras, para dizer o que pensasse, e ela me respondeu que não, disse que todas as palavras já existiam e que eu não podia inventar, eu tinha que aprender e só. Na minha cabeça de criança cheia de interrogações pensei quando foi que acabaram de criar as palavras e eu não pude participar? Que ano será que isso tinha acontecido? Porque cheguei tarde?

Os anos passaram e me preocupei em aprender palavras novas que dissessem a mesma coisa e outras tantas que servissem para coisas diferentes. No Ensino Médio veio à reforma ortográfica, algo mudava, mas mais uma vez eu não podia participar, a história se repetia, outra professora disse que eu tinha era que aprender para não escrever errado.

Tudo mudou na graduação, quando conheci professores que escreviam e criavam palavras para expressar novos significados. Seria então minha vez? Ainda não! Eu tinha que fundamentar tudo que eu dissesse, ouvi novamente, “graduação não se inventa nada, aprende conceitos”, e fui aprender. Cheguei na Pós e continuo fundamentando tudo que falo, mas agora eu posso criar, conceitos, pensamentos, ideias, questionamentos e quem sabe até palavras.

A fundamentação não é mais impositiva, restritiva, cerceadora, ela é parceira, existe porque vivo em grupo, escrevo com pares, não sou sozinha no mundo, somos como girassóis, que em dias nublados viram-se uns para os outros, buscando a luz em seus pares, fundamento hoje porque busco a luz nesses pares acadêmicos.

Então minha primeira ideia pra mudar o mundo é exatamente sobre isso, sobre não sufocar sonhos de crianças em estruturas minimizadoras de ideias, de

possibilidades, minha ideia é que as crianças tenham suas potencias respeitadas, que existam para as criações como existem para os trabalhos de casa.

Assim como Brandão (2020) abre o prólogo do livro *Educación popular Raíces y travesías de Simón Rodríguez a Paulo Freire com um pensamento de Nelson Mandela* “*Todo es imposible hasta que comienza a suceder*” (Brandão, p.11,2020) a minha ideia é que o impossível aconteça, o mundo mude e sonhos de crianças não sejam amputados sob pena de crescerem achando que sonhos são perda de tempo.

Ainda pensado no chão da escola que me formou e que da mesma forma ajudo a formar, minha segunda ideia para mudar o mundo é sobre avaliações escolares, na verdade é sobre combater a meritocracia que se faz presente nesses exames, então para mudar o mundo precisamos mudar a lógica das avaliações, seus processos e seus fins.

Frei Betto já dizia em seu famoso texto “A escola dos meus sonhos” que nesta “Não há provas baseadas no prodígio da memória, nem na sorte da múltipla escolha.” Se avaliar está diretamente ligado a julgar, essa segunda ideia para mudar o mundo também está diretamente ligada ao sopro de vida que há na possibilidade de viver sem ser julgado pela meritocracia com conhecimentos reduzidos a respostas corretas.

Por fim, mas não menos importante, minha ultima ideia para mudar o mundo diz respeito à escolarização não ser um ato de violência, uma obrigatoriedade, uma prisão e como Foucault (1987) brilhantemente trás já no título do seu livro, minha terceira ideia para mudar o mundo é que as escolas não se reduzam a “Vigiar e punir”, que sejam um espaço de potência criadora como o olhar curioso, atendo, destemido e encantado de uma criança.

Se vou criar palavras hoje? Ou no futuro? Ainda não sei. Embora não tenha mais aquela professora me dizendo que não devo criar nada, apenas conhecer o que já foi criado, não sei ao certo se tenho segurança para criar.

As crianças são naturalmente ousadas, anseiam pelo novo, pelo não sabido, pelas investigações. O pesquisador guarda na memória a criança que foi, consciente ou inconscientemente, é alimentado por essa centelha do movimento de busca. E eu pesquisadora busco professorar alimentando sonhos.

Yaçanã Torres do Amaral Sant’ Anna  
Setembro de 2022